ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16730 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)
ISSN: 2595-7945
Eixo Temático 23 - GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

O CORPOESPAÇOTEMPO EM AFETAÇÃO: (RE)ARTICULAÇÕES DOS OLHARES, RELAÇÕES E SENTIMENTOS

José Rodolfo Lopes da Silva - UFPel - Universidade Federal de Pelotas
Juliana Lazzaretti Segat - UFPel - Universidade Federal de Pelotas
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Te falta calle – te falta rua, em uma tradução livre – é uma expressão espanhola, utilizada para indicar uma percepção enquadrada da "realidade", ou seja, quando concepções de uma determinada questão se propõem universais e unidimensionais; sem considerar os múltiplos e elásticos atravessamentos – instituições, práticas, discursos, dentre outros – que educam, (re)constroem e administram o cotidiano e os sujeitos. Gostaríamos de propor que *nos falta c*alle*, porque nos rouban calle* – algo como *nos falta rua, porque nos roubam a rua*, em uma tradução livre.

Nessa direção, o presente trabalho, em articulação com os estudos cotidianistas, tem como objetivo analisar processos pedagógicos não formais do/no *corpoespaçotempo* e possíveis afetações. Enquanto abordagem metodológica nos inspiramos na pesquisa etnográfica através de observações e registros das práticas cotidianas e interações sociais que constituem processos educativos informais. Isso pode incluir visitas a museus, centros de memória, a observação de diferentes relações em espaços públicos, dentre outras possibilidades.

Em pesquisas cotidianistas, a lógica de ser ora uma coisa ora outra, ou apenas uma coisa e não outra, é contestada e expressada também na escrita. Influenciado pela argentina Denise Najmanovich (2003, p. 37), a separação em compartimentos é marca que caracteriza um modo específico da filosofia moderna, nela "a fábula da razão pura, que apresentou uma razão desligada do corpo, do afeto, da fé, do desejo, da história, dos outros, das narrações e das práticas vitais. O recurso do método foi fundamental para instaurar essa crença em uma razão abstrata e desencarnada, a-histórica e afabulada". Assim, juntamos as palavras porque não as entendemos como experiências estanques. Se compreendemos a escrita como matéria

expressa do vivido, são nos corpos que sua matriz se intercruza e produz sentido nas experiências. Nessa direção, os corpos falam emaranhadamente naquilo que lhes passa nos *espaçostempos* de suas existências.

Refletir acerca de nossas memórias, coletivas e individuas, implica certa curiosidade acerca daquilo que vimos aprendendo em nossa sociedade como o suposto natural e inquestionável, uma curiosidade que procure (des)encontros, a busca por se pensar diferente, como propunha Michel Foucault (1984). Escrever sobre gênero, sexualidade e memória é produzir discursos sobre práticas pedagógicas que intercruzam, entre tantas outras possibilidades, controle e insurgências sobre e com os corpos em suas redes de produção de significados. Sobre essa complexa configuração Guasch (2000), afirmou que ela é transversal aos emaranhados sistemas socioculturais e políticos, portanto, não se configura na natureza e, oportunisticamente, se adequa à realidade de cada contexto histórico. Se por um lado, podemos observar esses constantes movimentos de captura e repressão, como nos chamou a atenção Foucault (1988); por outro, a capacidade inventiva e a curiosidade fazem da sexualidade algo rizomática, ou seja, ela não se ajusta a uma univocidade.

Ainda que as palavras assumam leituras distintas ao longo do tempo, o sentido atribuído pela etimologia é, por vezes, ilustrativa. Quando pensamos a etimologia da palavra “sexo”, por exemplo, nos damos conta da provocação feita por Britzman (2003) e Foucault (1984) sobre a curiosidade e sua conexão com a experiência. A palavra “sexo” advém do latim “seccare” e significa dividir e partir, transportando a marca da incompletude. Nessa direção, entendemos a sexualidade como imperfeita e em construção.

Se aceitamos a performatividade da sexualidade como condicionada à curiosidade e a criação, ela é, portanto, reflexo das condições objetivas do social, cultural, política e histórica e exige liberdade para a invenção de si. A ausência de liberdade impede o movimento para a completude que toda a sexualidade eternamente busca e que a toda a aprendizagem e construção do sujeito, independentemente de sua ordem, suscita. Nessa direção, intuímos, como fez Regina Leite Garcia (2003) que existe uma conexão entre a curiosidade, a sexualidade e o prazer pelo saber. Esse movimento ilimitado em busca da completude e do conhecimento chamamos de desejo.

Compreendemos que também é preciso reconhecer as utilizações e (re)construções dos espaços público e privado não a partir de uma naturalidade, mas pensar que diferentes espaços vêm sendo concebidos a corpos específicos. (Re)articular olhares, relações e sentimentos sobre nós mesmas/os e aquilo que nos implicamos, o processo de construção da sociedade em que vivemos, seus valores, práticas, (re)conhecimentos, suas memórias e cidadanias.

A ocupação pública – seja ela feita em suas diferentes possibilidades como o *online*, o *off-line* e porque não o simbiótico *onlineoff-line* – que vivemos entretanto, atua como um investimento na recuperação da dignidade, pois ela contesta lugares, discursos e corpos estabelecidos como naturais para diferentes sujeitos, a título de exemplo as populações

lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual, intersexo e outras sexualidades sexodissidentes (LGBTI+); desembocando em (re)conhecimentos e (des)encontros. Tais investimentos, de uma moralista sociedade cisheteropatriarcal (Silva; Nascimento; Caetano, 2021), levam a produção de invisibilidades, clandestinidades e falaciosas homogeneidades, lançando diferentes sujeitos a (des)ocuparem o social através de estratégias e práticas que se (re)constroem comunitariamente, mas também a (re)articulação de estranhamentos frente a essa/e "não normal"; estigmatizada/o que em diferentes momentos também irá emergir. Nesse sentido, "pequenas expressões" como mãos dadas, a troca de beijos e vestimentas, entre sujeitos LGBTI+, pode ser lido enquanto "exagero", "falta de vergonha", "exibição", "vontade de aparecer", enquanto a mesma expressão de um casal cisheteronormativo pode ser lido como uma prova de amor, algo "natural" e desejável, parte da cultura e da sociedade (Cascais, 2023).

A cultura, assim, torna-se um território privilegiado para pensarmos sobre as tecnologias pedagógicas que (re)emergem e tomam diferentes formas no cotidiano, nos afetando e (re)construindo nossas noções de realidade. Os significados que direcionam desejos e relações, habitualmente, conferindo a ideia de que tais dimensões estão relacionadas a essa memória que é construída e mantida, assim como quem faz parte desse processo de seleção.

Os discursos projetam apresentações sobre os marcadores de diferenças que atravessam os corpos (gênero, raça, classe social, condição física, geração, território, etc.), que, entre verdades, concorrem territórios, e tantas outras tecnologias, na produção de subjetividades. Estas tecnologias nos levam a refletir a relação entre cultura e pedagogia, e uma ampliação daquilo que compreendemos enquanto processos pedagógicos, ou seja, algo que está inserido em nosso cotidiano, não limitado ao *espaçostempos* escolares institucionalizados (Andrade, 2017). Assim, (des)encantamentos, acerca daquilo que habitualmente se compreendia enquanto natural, vêm sendo produzidos e transportando para leituras de que assim como construímos a cultura, somos também resultado da mesma. Tais tecnologias não seriam, portanto, uma mera representação da realidade, pois "produzem efeitos na constituição do sujeito" (Andrade, 2017, p. 2).

Como aprendemos a desejar, (re)pensar e (re)construir os nossos futuros, as nossas memórias e histórias? Ainda que datada de quase 20 anos, a reflexão que Joan Scott (1995) elabora, cria contribuições para refletirmos acerca da história que nos é contada, habitualmente única, mas também da disputa que se dá nesse campo que é da produção de significados, sentimentos, pertencimentos e (re)conhecimentos. Questões intimamente ligadas às memórias – oficializada, individuais e coletivas – e as formas como somos (re)educados por diferentes processos para um constante cessar da (re)invenção e (re)imaginação.

A memória pode ser compreendida como uma capacidade humana que não se limita apenas ao universo da imaginação, compreendido como fictício e irreal. Com a sua disposição de remeter ou "se fazer remeter" ao passado e aos sentidos do presente, a memória é, por nós, compreendida como capacidade de (re)significação das coisas e da existência nos

espaçostempos da experiência. É imprescindível destacar que esse *espaçotempo*, com o qual consideramos os contornos de nossa existência, é de fato aquele no qual originam as memórias que narramos. Nessa direção, compreendemos que quando queremos nos apropriar dos sentidos da existência, nós a narramos nos valendo das memórias de nossas experiências. A única forma de acessarmos a vida é percebermos o que vivemos por intermédio da reflexão sobre a experiência, portanto, o direito à memória é sinônimo de garantia de existência.

Nesse sentido, somos levados a inferir que tais campos teóricos que articulam os estudos culturais, gênero, sexualidade e memória possibilitaram também a (re)organização e (re)articulação de diferentes sujeitos – como a população LGBTI+ (Ferrari, 2005, 2020), de mulheres, a população negra (Collins, 2019), dentre outras/os – frente a regimes que buscam (re)produzir tais sujeitos e comunidades enquanto seres patológicos, mundanos e "bodes expiatórios" de supostas desordens sociais, culturais e políticas (Silva, Caetano, 2024). Ou seja, atuaram como uma contra-*pedagogiapolítica* frente a uma ideologia que investia em práticas e discursos de marginalização e inferiorização acerca desse "Outro" (Silveira; Baptista, 2019).

Assim, essas epistemologias se distanciam para (re)articular um cenário apresentando enquanto catastrófico em que medidas de reparação denominam o povo como responsáveis e, portanto, empreendedores de uma cruzada moral a diferentes grupos e a si mesmas/os. Uma característica do neoliberalismo e do neoconservadorismo que busca produzir mentalidades e condutas ao se sentirem ameaçados pelos fictícios monstros, bodes expiatórios, que por sua vez são (re)construídos por diferentes narrativas, aplicadas em/ensinadas por múltiplas tecnologias.

PALAVRAS-CHAVE: Cotidianos. Educação. Sentimentos. Neoconservadorismo. Neoliberalismo.

REFERÊNCIAS

Andrade, Paula Deporte de. Artefatos culturais midiáticos e pedagogias culturais: uma análise para explorar as qualidades pedagógicas da vida contemporânea. *REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 2017, vol. 38. Disponível em: http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho_38anped_2017_GT16_248.pdf . Acesso em Jul. 2024

Cascais, António Fernando. A cultura sexual pública no cruzamento de lazer, festa e mercado. In: Baptista, Maria; Grácio, Rui; Araujo, Renata; Azevedo, Thaís; Barbosa Júnior, Francisco; Almeida, Alexandre. QUESTÕES DE SEXUALIDADE E DE LAZER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA. Aveiro, Edições Afrontamento, 2023.

Collins, Patrícia Hill. Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição. In: Hollanda, Heloisa Buarque. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

Ferrari, Anderson. Quem sou eu? Que lugar ocupo? Grupos gays, educação e a construção do sujeito homossexual. 2005. (Tese) Doutorado em Educação na Universidade Estadual de Campinas. 266 f. Campinas, SP, 2005.

Ferrari, Anderson; Mazzei, Luiz Davi. Quais são os espaços seguros para as homossexualidades. *Revista Debates Insubmissos, Caruaru/PE*, 2020, 11.

Foucault, Michel. História da Sexualidade II: o uso dos prazeres. Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque Rio de Janeiro: Graal. 1984.

Foucault, Michel. História da Sexualidade I: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

Najmanovich, Denise. O Feitiço do Método. In: GARCIA, Regina Leite (org.). Método Métodos Contramétodo. São Paulo, Cortez, 2003.

Scott, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v.20, n.2. jul.-dez., p.71-99, 1995.

Silva, Roberto Vinicio Souza da; Nascimento, Letícia Carolina Pereira do; Caetano, Marcio. A Bicha Docente Despachada: socipoetizando a educação nas diferenças. *TEXTURA - Revista de Educação e Letras*, v. 23, n. 55, 2021.

Silveira, Lélian Patrícia de Oliveira; Baptista, Maria Manuel. A construção de significados e a representação do Outro no Turismo. *Cadernos de estudos culturais*, p. 45-61, 2019.